


# LUTAS CAMPONESAS NO MUNICÍPIO DE MARACÁS- BA

**Vanessa de Santana Costa**[1]

**Palavras-chave**: Reforma agrária; Latifúndio; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

## INTRODUÇÃO

Para iniciar a presente análise, vale citar primeiramente um trecho de uma música que compõe um dos álbuns mais icônicos do Rock Nacional: “Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades”(CAZUZA; BRANDÃO, Arnaldo. *O tempo não pára*. Intérprete: Cazuza, 1988). O saudoso cantor brasileiro, Cazuza, traz essa reflexão em forma de canção para denunciar a sociedade que sempre perpetuou as injustiças, contradições e a estagnação das relações socioeconômicas desde a invasão de Pindorama, que mais tarde veio a se tornar, Brasil. Para compreender as dinâmicas escravagistas atuais, é necessário olhar para antes do assinado da Lei Áurea, que porventura, as pessoas que eram contra a liberdade dos escravizados, eram donos de fazendas, ou seja, os grandes latifundiários da contemporaneidade.

Assinado em 1888, a Lei Áurea liberta de forma superficial os escravizados. Aqueles, que não tinham terras, dinheiro, moradia e nem educação, foram aventurados para fora das fazendas sem o direito à cidadania. Com isso, os libertos, sem família e poder de voz para recorrer aos seus direitos, não tiveram outra alternativa a não ser continuar trabalhando nas lavouras como meio de subsistência.

A Lei de Terras, também proporcionou a expansão de latifúndios, pois, pessoas de cor não podiam comprar terras. Ou seja, a questão latifundiária, em conjunto com a desigualdade social, perpassa os tempos da colonização até a contemporaneidade.

O presente trabalho apresenta o roteiro de entrevista que foi abordado durante os dias 03 de Dezembro a 07 de Dezembro de 2024, visando o aprimoramento do olhar geográfico

1 Graduanda em geografia pela Universidade Federal da Bahia- UFBA.

perante as dinâmicas agrícolas e a questão fundiária do município de Maracás. O Trabalho de Campo é a parte prática da disciplina de Geografia Agrária da Universidade Federal da Bahia (UFBA), utilizando como base os autores e escrituras que estiveram presentes em aulas teóricas, ministrado pela Profa Dra Noeli Pertile.

O município de Maracás surge a partir de uma vila onde formou-se o cultivo de diversos produtos agrícolas - policultura - e criação de animais. Situada no Centro-Sul da Bahia, Maracás possui o clima tropical de altitude, com a sua altitude de 964 metros que influencia significativamente nas dinâmicas agrícolas e populacionais (Prefeitura Municipal de Maracás, 2025).

Uma nova Maracás surge a partir da instalação de uma mineradora, que de certa forma, faz com que o município perca seus espaços, aumentando assim, a desigualdade na distribuição de terra. Hoje, com quase 30 mil habitantes, Maracás muda constantemente a sua dinâmica por causa dos impactos sociais e ambientais que decorrem após a instalação da mineradora.

## DISCUSSÕES E RESULTADOS

Ao chegarmos em Maracás, em 03 de Dezembro de 2024, visitamos o acampamento do MST Márcio Matos, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra na Bahia que foi assassinado em sua residência no assentamento Boa Sorte, na Chapada Diamantina, fruto da perseguição contra a ocupação dos trabalhadores rurais. O acampamento Márcio Matos surge a partir do abandono das terras pela FERBASA, que antigamente produzia café. A FERBASA estagnou a sua atividade e abandonou o local, pois, para eles, o solo era infértil e improdutivo. Após a ocupação dos Sem-Terra, a Companhia de Ferro Ligas da Bahia não se deu por satisfeita e passou a perseguir os ocupantes que tornaram o solo produtivo e passaram a dar razão social para o pedaço de terra que somente estava abandonado. Agora, além de terem ocupado a terra para moradia, ainda deram vida àquele lugar com cores das mais diferentes plantações, sendo elas: Maracujá, maracugina, melancia, mandioca, aipim e abóbora.

Para além das questões sociais, muitos moradores da zona rural de Maracás desconhecem a importância dos movimentos sociais para a luta a favor da terra e da moradia. Como por exemplo o Sr. Coqui, o então Presidente da Associação, que como quase todos que estão no acampamento dizem que desconheciam o termo ‘Reforma Agrária'. O presidente da Associação acrescenta que foi criado na roça, no meio das plantações, e daí ele passa a ter o sonho de construir a sua vida na roça. Porém, o único dilema que o impedia de realizar o seu sonho, era a sua condição financeira para ter terras.

Como é comum a tomada de decisão violenta em toda perseguição por terras, o acampamento Márcio de Matos também não escapou da violência inconstitucional do Estado junto à polícia. A moradora Leidiane, relata que após 4 dias de assentamento, a força militar chega ao local destruindo completamente tudo, com um suposto mandado de reintegração de posse. Ela também enfatiza que:

> “No começo foi tudo difícil. Sofremos um despejo violento e tivemos que ficar acampados por dias embaixo de um pé de jaca. Mas depois disso, reconstruímos tudo novamente. Para ser sem-terra, tem que ter coragem.” (Leidiane, moradora do acampamento MST Márcio Matos, 2024).

Apesar da sua extensão de 70 hectares, onde abriga 70 famílias, essas ainda sofrem com a invisibilidade e segregação pelo Estado. Mas para além das tragédias e negociações

falhas, o acampamento tem se fortalecido por meio das atividades agrícolas. Vale ressaltar que a presente comunidade se estabelece em frente a uma barragem que percorre 30 km por meio de adutora, e o Presidente da Associação relata:

> “Não é fácil produzir. Nós não temos água e nem energia. Não temos água, mas aqui em frente passa uma rede que chega a abastecer 5 cidades diferentes, mas, nós, com 70 famílias ficamos sem água.” (Coqui, Presidente da Associação de moradores do acampamento MST Márcio Matos, 2024).

Após a visita do acampamento, fomos entrevistar um pequeno agricultor rural, que apesar de possuir a sua fazenda de policulturas, ainda enfrenta dilemas que só os trabalhadores do campo são capazes de enfrentar. O agricultor familiar se chama Nato, ele produz morangos, melancias, rosas, amoras, framboesas e maracujás. Nato diz que diferente da cidade onde morava, nessa fazenda “tudo se produz, e tudo se come” para a família formada por cinco pessoas.

O problema corriqueiro que o produtor enfrenta é a falta de uma associação. A desvalorização do seu trabalho perante os compradores é perceptível durante a discussão da produção. Como um pequeno agricultor, ele, assim como os os produtores visitados, se torna refém do mercado.

O trabalho é árduo, do plantio à colheita, Nato, de sol a sol, enfrenta o processo sozinho. Além de enfrentar dificuldades para vender o seu produto, ainda tem que lidar com o barateamento do seu trabalho. Ele confirma que vende a melancia inteira por cerca de R$7,00 , porém, em Salvador, uma fatia da melancia equivale a metade desse valor.

O município também enfrenta outra questão, como dito inicialmente. Pois, desde a assinatura da Lei Áurea - ou até mesmo antes dela- os grandes latifúndios se tornam presentes em todo o cenário brasileiro.

**Gráfico 1: Porcentagem de estabelecimentos no município de Maracás em 2017.**

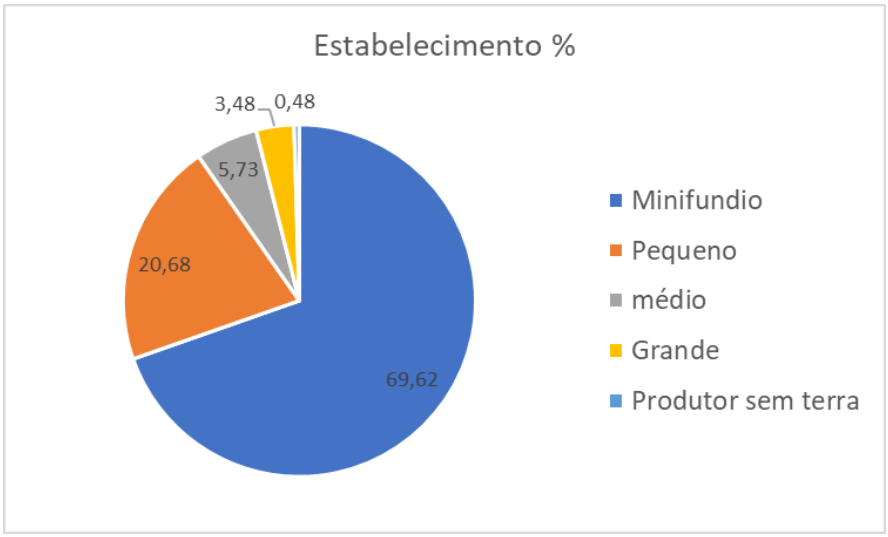
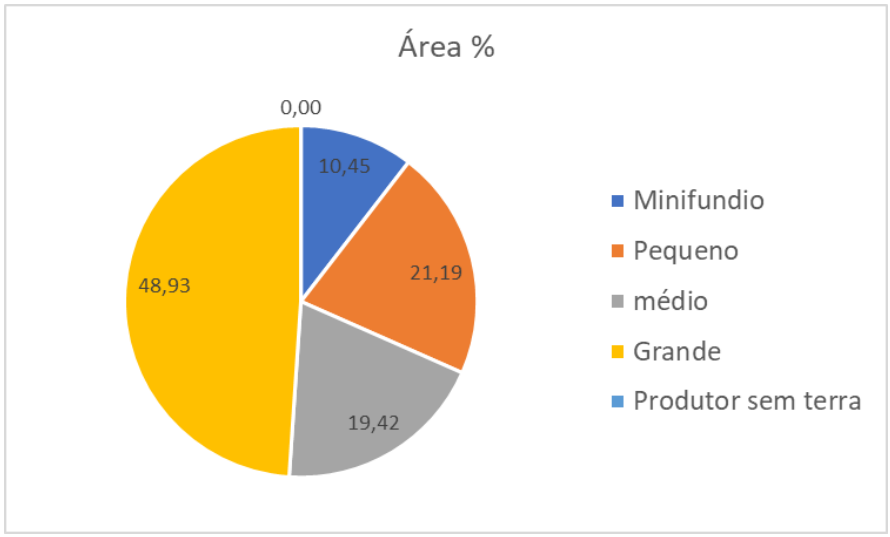


**Gráfico 2: Porcentagem de área distribuída no município de Maracás em 2017.**




Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do IBGE.

O levantamento de dados da Estrutura Fundiária, datada em 2017, mostra a real discrepância na distribuição de terras, desde o trabalhador rural sem terra ao grande produtor rural. Os minifundiários, ocupam 69,62% da população rural e possuem apenas 10,45% das terras no município. Enquanto isso, os grandes produtores que estão em 3,48% das terras, detêm 48,93% das terras. Vale ressaltar que apesar de ocupar a maioria da população rural, os pequenos produtores ainda sofrem com a distribuição desproporcional de terras. Apesar de ser um fenômeno recente, a luta por igualdade no meio agrícola percorre ao longo de séculos. Em extensão territorial, o Estado ainda não se propõe a resolver as questões fundiárias no Brasil; políticas como, a reforma agrária, ainda não são postas como o pilar da resolução da desigualdade fundiária. Mas, por quê a distribuição de
terras não se torna um interesse político brasileiro?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o trabalho proporcionou uma nova visão de mundo para além das dinâmicas na cidade grande. Foi observado ao longo da pesquisa que as disputas por terra, dignidade do uso da água, e a desvalorização do trabalho, estão presentes na cidade grande, mas se tornam muitos mais evidentes no campo.

Porém, para além das injustiças que vimos, foi importante a interação com os trabalhadores que alimentam o Brasil, que nos permitiu entrar em sua rotina e ouvir as suas histórias de vida. É necessário dizer que os trabalhadores rurais produzem muito com o pouco que lhes é ofertado, ou quase nada, porém, enfrentam as barreiras e produzem mesmo com dificuldades.

Para encerrar, jaz aqui uma frase que percebemos ser o lema dos trabalhadores rurais ao longo da pesquisa: “Se o campo não produz, a cidade não come”.

## REFERÊNCIAS


CAZUZA; BRANDÃO, Arnaldo. *O tempo não pára*. Intérprete: Cazuza. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. 1 disco (LP).

MARACÁS. *Dados municipais*. Prefeitura Municipal de Maracás, [2025]. Disponível em: https://www.maracas.ba.gov.br/site/dadosmunicipais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Maracás – BA*. Salvador: UFBA, [s.d.]. Disponível em: https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/maracas_-_ba.pdf

FERNANDES, Bernardo Mançano. MEDEIROS, Leonilde S., PAULILO, Maria Ignez. (orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas**: condições, dilemas e conquistas, v.2: a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Atlas do Espaço Rural retrata diversidade e desigualdade do campo brasileiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29724-atlas-do-espaco-rural-retrata-diversidade-e-desigualdade-do-campo-brasileiro.